

Biblioteca **Álvaro Magalhães**

O senhor do seu nariz e outras histórias

ilustrou
João Fazenda



ASA

Título: O senhor do seu nariz e outras histórias
Texto: © 2006, Álvaro Magalhães
Ilustração: © 2010, João Fazenda
© 2010, Edições ASA II, S.A. – Portugal

ISBN 9789892311340
Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, nº 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Telef.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
edicoes@asa.pt
www.asa.pt
www.leya.com

Biblioteca **Álvaro Magalhães**

O senhor do seu nariz e outras histórias

ilustrou
João Fazenda



ASA



O senhor do seu nariz

Custou-me muito nascer. Estava tão bem desnascido, aconchegado, sem ter nada que fazer. Mas tinha de ser.

Foi então que apareceu a fada. Tinha duas asas fininhas que a mantinham no ar e trazia uma saia cor-de-rosa, muito rodada, que já não se usava.

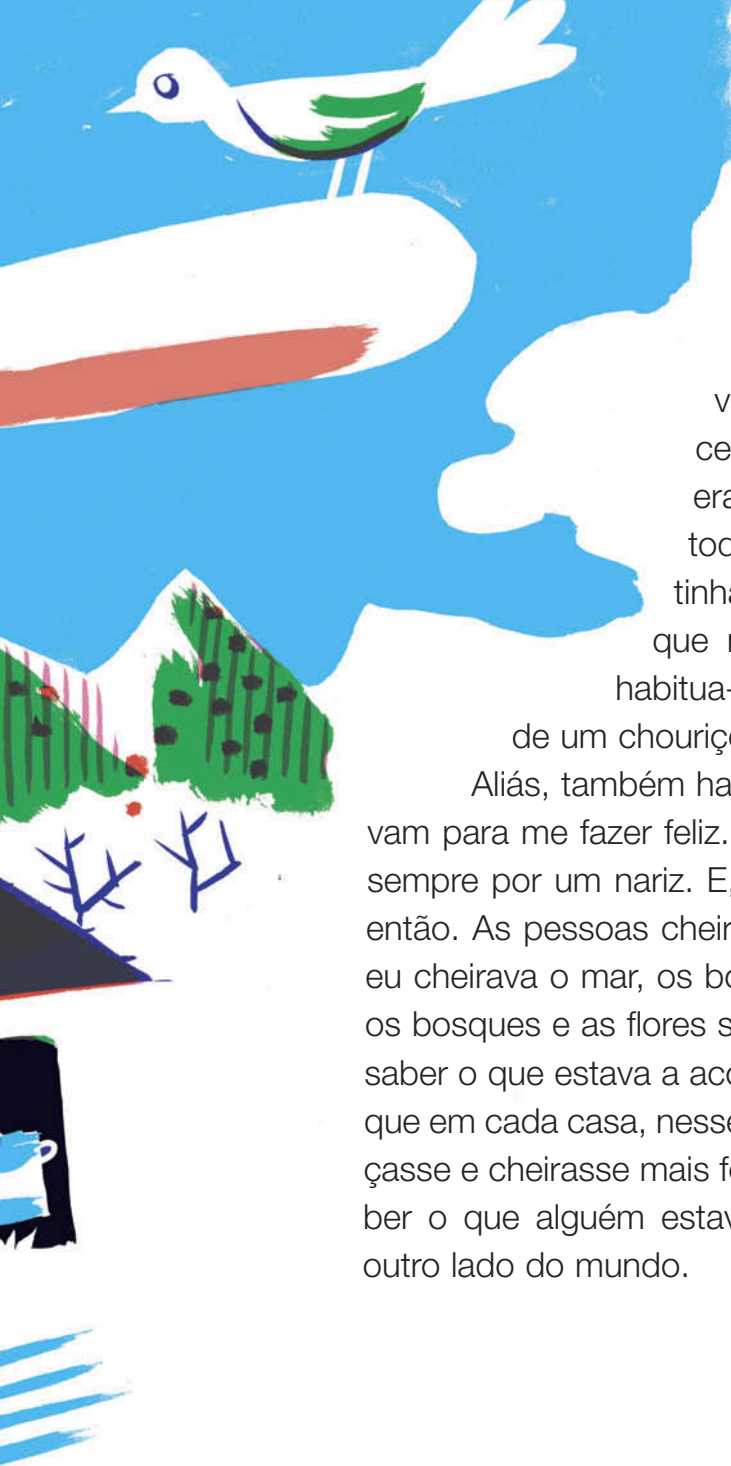
Não foi convidada mas apareceu. Foi o que lhe deu. Pousou a mão na minha testa e disse:

- A vida deste rapaz vai dar para o torto.
- Não diga isso – pediu a minha mãe, muito aflita.
- Digo, pois – voltou a fada. – Ele terá um nariz do tamanho de um chouriço. Por isso...

E foi mesmo isso que aconteceu. O tempo ia passando e o meu nariz crescia mais depressa do que eu. Quando parei de crescer tinha um nariz a perder de vista, mas continuava optimista. Um nariz do tamanho de um chouriço? Podia ser pior, dizia eu. E agora pergunto: não era pior se fosse do tamanho de um presunto?

Era desagradável ser tão diferente do resto da gente, mas que havia de fazer se era esse o meu destino? Quanto ao meu nariz imponente, também era pesado e obrigava-me a andar inclinado para a frente. Tinha dores nas costas desde pequenino.





E não era em todo o lado que cabíamos os dois. Havia sítios onde só ele ia. Eu esperava, cá fora. Ou vice-versa. Tanta vez que isso aconteceu: ou entrava ele ou entrava eu. E não era só isso. Ele chegava antes de mim a todo o lado. Quando eu entrava já ele tinha lá estado. Era aborrecido, não digo que não, mas habituei-me, que a gente habitua-se a tudo. Até a um nariz do tamanho de um chouriço. Por isso...

Aliás, também havia coisas que corriam bem e chegavam para me fazer feliz. Nas corridas, por exemplo, ganhava sempre por um nariz. E, claro, cheirava como ninguém, pois então. As pessoas cheiravam o mar, os bosques e as flores, eu cheirava o mar, os bosques e as flores, como nem o mar, os bosques e as flores sabem que são. Mas havia mais: para saber o que estava a acontecer bastava-me cheirar. E sabia o que em cada casa, nesse dia, havia para o jantar. Se me esforçasse e cheirasse mais forte, mais fundo, era capaz de perceber o que alguém estava a fazer num recanto qualquer do outro lado do mundo.

Custa a acreditar, mas é verdade. Aliás, bastava-me cheirar quando estava esfomeado. Fechava os olhos e para ali ficava, a saborear aquilo de que mais gostava. Chegava a ficar enfartado.

Porém, nem tudo corria bem. Com um nariz tão grosso e tão comprido, nunca passava despercebido. Estavam sempre a olhar para mim e a apontar-me um dedo. E as crianças fugiam quando me viam, cheias de medo. Os outros também. E não era esse o único inconveniente. Também derrubava as pessoas quando me virava de repente. Talvez por isso, pouca gente se chegava a mim, ou passava perto, e sítio onde eu chegasse logo ficava deserto.

As pessoas diziam que eu metia o nariz em todo o lado, mesmo onde não era chamado. Ninguém gostava. Mas que havia eu de fazer? Ele era o primeiro a chegar. E cheirava, cheirava. Ficava logo a saber se as pessoas tinham tomado banho naquele dia, ou mudado a roupa interior, o que tinham almoçado e por onde tinham andado. Se não estivesse constipado e a fungar era até capaz de cheirar o que elas estavam a pensar. O problema, diziam as pessoas, não era ser do tamanho de um chouriço. Era ele ser metedinho.

Eu é que tinha de o carregar, de espantar os pássaros que nele pousavam e os ratos que o queriam roer, à noite, sem saberem que me estavam a roer a mim, e os outros é que se queixavam, mas enfim.



Estava visto que o mundo não era feito para gente com um nariz assim, do tamanho de um chouriço. Por isso, fui-me afastando e acabei a viver sozinho no cimo da serra, numa velha casa abandonada. Foi por acaso que dei com ela. Mas era tão pequena que a ponta do meu nariz ficava fora da janela. Passava o Inverno coberta de neve.

A minha vida estava mesmo a dar para o torto. Como dissera a fada. Mas eu não me queixava. E não desistia nem desanimava. Não tinha nada de meu, só era senhor do meu nariz, e, mesmo assim, era feliz.

Até que, certa manhã, apareceu lá em cima o carteiro da cidade. Ia levar uma carta, já não sei de quem porque ninguém me escrevia.

– Como vai a vida lá em baixo? – perguntei.

– Vamos andando. Tudo normal.

– Eu sei. Perguntei por perguntar. É vontade de falar. Porque isso sei eu. Olhe, agora mesmo, sabe o que está a acontecer?

